

Um belo feito

Tenho a sorte de ser um velho amigo do Festival de Almada. Viajo frequentemente para mostras e festivais de teatro por todo o Mundo, mas sempre achei que o Festival de Almada — sob a excelente liderança tanto do nosso falecido amigo Joaquim Benite como do seu respeitado sucessor Rodrigo Francisco — era o mais acolhedor de todos.

Fiquei encantado, portanto, quando o Rodrigo me disse que, apesar da pandemia que traumatizou as nossas sociedades, o 37.º Festival de Almada iria acontecer. Os espectáculos do Programa deste ano são, como dizemos na Escócia, “um belo feito num mundo traiçoeiro”.

As condições podem ser muito diferentes este ano, mas a qualidade e diversidade da programação continuam a ser as mesmas. Que privilégio, após quatro meses sem teatro, ver no palco artistas tão soberbos como Mario Pirovano, de Itália, ou Agnès Mateus, da Catalunha, bem como uma grande parte da nata do teatro português.

É também maravilhoso conhecer Hajo Schüller, da grande Companhia de teatro de máscara alemã Familie Flöz. Há muito que admiro o seu grupo, na sequência das suas aclamadas visitas ao Festival de Edimburgo.

Viva o teatro! Viva o Festival de Almada!

Mark Brown,

crítico de teatro escocês, conferencista e autor do livro *Modernism and Scottish Theatre since 1969 – A Revolution on Stage (Modernismo e Teatro Escocês desde 1969 – Uma revolução no palco)*, publicado em 2019

RETRATOS DO PÚBLICO

Espectadores solidários com as artes



Ana Vasconcelos e Manuel Vasconcelos

Ana Vasconcelos tem sempre uma palavra a dizer nos Colóquios na Esplanada. Vai a todos os que pode — é assim há anos. Enquanto pedopsiquiatra, sabe que “o nosso cérebro gosta de sonhos acordados, de devaneios”. Também não falha um único espectáculo e surpreendeu-se com a peça *O Mundo é redondo*, de António Pires, que achou absolutamente deslumbrante. “Ver *O Mundo é redondo* é lembrarmos, como dizia Raúl Solnado, que o público que compra bilhetes para o teatro leva sonhos, porque, como dizia, por sua vez, João Villaret, os artistas do teatro são vendedores de sonhos”. Para esta nossa espectadora assídua, o Festival proporciona “o prazer de comunicarmos entre nós — vir ao teatro ajuda-nos a compreender, todos juntos, o passado, o presente e o futuro”. Eternamente grata pela forma como o teatro enriquece a sua vida, Ana criou a petição pública “Espectadores solidários com as Artes do Palco” (<https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT101751>), na

qual convida todos os cidadãos a dizer que estão presentes, prontos a ir aos espectáculos e a apoiar a cultura em Portugal.

Contudo, Ana não vem só. Quem a acompanha é o seu filho, Manuel Vasconcelos, a quem passou o gosto pelo teatro. “Venho desde muito pequeno, a minha mãe sempre me levou ao teatro”. Manuel passa despercebido entre o público mais participativo. Dedicar-se a escutar atentamente o que os convidados do Festival têm para lhe ensinar. É com carinho que recorda as anteriores edições e relembra um dos espectáculos de que mais gostou até hoje, “verdadeiramente mágico” — *O senhor Ibrahim e as flores do Corão*, de Eric-Emmanuel Schmitt, apresentado em 2007 com encenação de Ernesto Caballero.

Apesar de este ano faltarem certos elementos característicos do Festival devido às contingências a que temos de nos sujeitar, Manuel diz que “não deixa de ser o Festival de Almada. O espírito



Marcus Mazieri

está cá, tanto da parte da organização como do próprio público”.

Estreante no Festival

Este ano não temos apenas estreias de peças, temos também público estreante no Festival. É o caso de Marcus Mazieri, que vive há pouco tempo em Almada e tem, pela primeira vez, a oportunidade de experienciar um dos eventos culturais mais ricos que aqui acontecem. Enquanto estudante no mestrado em Estudos de Teatro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o jovem brasileiro procura acompanhar os colóquios porque se interessa pelo processo de criação e encenação que precede os espectáculos. Aconselhado por um amigo, que lhe falou do “grande festival de teatro internacional de Almada”, não hesitou em aproveitar esta oportunidade — sobretudo pela programação deste ano, que lhe dá a oportunidade de conhecer melhor a produção teatral portuguesa, disse. **S.P.** com **S.A.**

O teatro das revoluções interiores

Com a sabedoria e o carisma do costume, ontem foi a vez de João Mota marcar presença na esplanada do foyer do TMJB, para um colóquio sobre *As artimanhas de Scapin*, uma comédia de Molière que encenou e que estreou no passado dia 16 no Festival de Almada.

Mota confessou que levou anos a compreender a essência de Scapin – um filósofo do povo do século XVII, mas que podia ser de hoje, e que tanto admira. Esse trabalho demorado de compreensão do espírito das personagens e do texto ajudou-o a encenar este espectáculo com assertividade, no qual tudo tem uma razão de ser.

O encenador de *A Comuna* deslindou a composição do espaço cénico, que não mistura um lustre e malas de porão no mesmo espaço por acaso (o candeeiro, por exemplo, é uma referência ao Palais Royal, onde Molière apresentava as suas peças), em que as diversas faixas etárias dos intérpretes se adequam às personagens que interpretam, e em que até a escolha da tradução de Carlos Drummond de Andrade, por privilegiar a palavra “artimanhas”, não é acidental. Segundo João Mota, remete para uma “manha” que é a inteligência do povo, em vez de velhacarias, alusivo ao termo depreciativo e frequentemente atribuído ao povo: “velhaco”.



João Mota e Ana Isabel Vasconcelos

Relativamente à actualidade da peça, o encenador apelou ao público para que reconhecesse que o Mundo não mudou assim tanto, levando-nos a pensar, por exemplo, nos casamentos arranjados e forçados de hoje (não já entre famílias burguesas, mas entre bancos). Falámos ainda sobre o teatro actual e a educação para a arte, que não

deve ser “mais do que ensinar o outro a crescer”.

Para João Mota, “o teatro não faz revoluções”, mas pode despoletar as nossas revoluções interiores. Para terminar a conversa, a moderadora Ana Isabel Vasconcelos agradeceu ao encenador “todo o seu sentir e todo o vibrar desse “eu” que está desde sempre empenhado no teatro”, e com o qual nos presenteou também neste colóquio. **S.P.** com **S.A.**

AGENDA DE AMANHÃ

WORKSHOP

das 15:00 às 18:00
O Sentido dos Mestres com Madalena Victorino

Auditório da Escola D. António da Costa

COLÓQUIO

18:00
Conversa com Tiago Correia

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

TEATRO

21:00
Turismo

Sala Principal TMJB

21:30
Mártir

Sala Experimental TMJB

21:30
A criada Zerlina

Fórum Romeu Correia

21:30
Rebota rebota y en tu cara explota

Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Caril de salmão grelhado com arroz de coentro
- Roti de porco

AMANHÃ

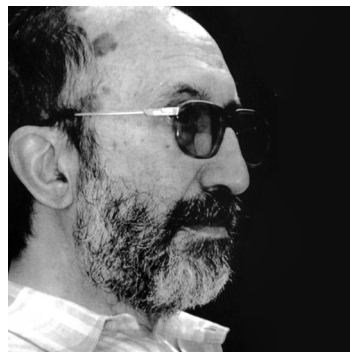
- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

PRÉMIO CARLOS PORTO

Prémio para a imprensa cultural

O júri já deliberou a atribuição do Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto deste ano, que foi instituído pela Câmara Municipal de Almada em 2009. Consistindo em três galardões monetários, este prémio distingue os melhores artigos e críticas de teatro publicados na imprensa em papel e *online*, portuguesa e estrangeira, no âmbito da cobertura mediática do Festival de

Almada. No último dia do Festival, antes do espectáculo na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite, serão entregues as três distinções, que premeiam os melhores textos publicados no ano passado, nas seguintes categorias: Grande Prémio Carlos Porto, Prémio Carlos Porto – Imprensa Especializada, e Prémio Carlos Porto – Imprensa Generalista. Serão ainda atribuídas três menções honrosas.



Carlos Porto

Espectáculo de Honra: todos a votos

Este ano, excepcionalmente, todos os espectáculos incluídos na programação do Festival irão a votos para a eleição

do Espectáculo de Honra do ano que vem. A votação decorrerá no último dia do Festival de Almada, à entrada para os espectáculos da

tarde e da noite. A peça vencedora será anunciada após o espectáculo *Turismo*, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite.

FICHA TÉCNICA

Direção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição), Rodrigo Francisco e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura)

Tradução Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo

Apoio à produção editorial Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

